

Notas sobre os “Apontamentos para uma estética não-aristotélica” de Álvaro de Campos”

Notes on “Remarks for a non-Aristotelian Aesthetics in Álvaro de Campos”

Palavras-chave: Fernando Pessoa; Estética não-aristotélica; Corpo e Arte

Keywords: *Fernando Pessoa; Aesthetics non-Aristotelian; Body and Art*

Fabício Lúcio
Gabriel de Souza

Doutorando em Literatura –
PÓSLIT/UnB/FAPDF.

fabriociogabrieldeSouza@gmail.com

RESUMO: Os *Apontamentos para uma estética não-aristotélica*, entre outros escritos sobre arte, figuram na obra pessoana como ponto de relevância por se tratar de um esboço para uma “teoria estética” em via contrária à Tradição. Nem sempre atendendo às expectativas de muitos críticos quanto à aplicabilidade de tal pensamento à leitura do próprio Fernando Pessoa, nem demonstrando consistência suficiente enquanto reflexão sistêmica do ponto de vista filosófico, os Apontamentos, mesmo assim nos oferecem, em potencial, margens para uma releitura que transpasse à discussão restritiva de uma estética não aristotélica. Em suma, nosso intuito é mostrar que para além de uma descontinuidade da tradição estética aristotélica, Fernando Pessoa através do discurso de Álvaro de Campos vislumbra um estado em que corpo e arte estabeleçam estreita relação firmada em princípios de força pelo viés da sensibilidade em vez do tradicional caminho da razão. Nesse sentido, não pretendemos emitir conclusões definitivas concernentes aos escritos em questão, visto que entendemos e acolhemos o termo “apontamento” como um prospecto de um trabalho que não se concretizou.

ABSTRACT. *Pessoa’s Remarks for a Non-Aristotelian Aesthetics, as many other writings about Arts, are highly relevant inasmuch as they present a sketch for non-traditional theories on Aesthetics. In spite of this relevance, some critics argue that Pessoa’s Remarks are not quite useful to read Fernando Pessoa himself. Their criticism turns on the point that the Remarks have no sufficient consistency to be considered a systematic thought from a philosophical point of view. Diverging from this position, we assume that Fernando Pessoa’s Remarks allow us to present a “re-reading” that can go far beyond some restrictive readings based on some non-Aristotelian Aesthetics. Accordingly, we argue that Fernando Pessoa can be considered apart from the question about his discontinuity in relation to the Aristotelian aesthetic tradition. Our main point is that Pessoa, through Álvaro de Campos’ views, envisions some state in which body and art can establish a very close relation by means of principles*

ISSN 2359-5140 (Online)

Iipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 88-97
jul-dez, 2017

of force from the perspective of sensibility. However, we do not here intend to reach definitive conclusions on this issue, since we understand the term “remarks” as a mere prospectus for a not accomplished work.

1

Devemos sempre ter em conta a produção teórica de Fernando Pessoa, visto que seus exercícios de reflexão podem ser entendidos como obras em sua própria obra. De igual modo devemos tê-la com leve cuidado. Se tais prospectos são capazes de lançar alguma luz sobre seu legado, talvez nem o tempo de árduo trabalho dos investigadores poderá trazer à tona o delineamento total e exato da produção pessoana. Basta lembrar que, quase maioria do que foi escrito pelo poeta português ficou guardada durante sua vida numa arca, vindo a público posteriormente, graças à dedicação e a um princípio de trabalho mais criterioso da Equipa Pessoa, no início dos anos de 1980.

Nossas considerações iniciais são no intuito, primeiro, de reafirmar que o que nós temos na atualidade publicado com o nome de Fernando Pessoa ou de seus autores fictícios são propostas editoriais. Algumas com critérios rigorosos, outras com menos e aquelas sem critérios algum, com o intuito apenas mercadológico. Afinal, o nome de Fernando Pessoa se tornou, não sem motivos, uma chancela em alta estima. Segundo, fazer lembrar que muitas publicações não possuem uma versão final pensada pelo seu autor. Exemplo disso é o alto grau de fragmentariedade da obra, que conta com mais de trinta mil papéis, entre eles diversos escritos ou notas, como planos de obras, ou lista de títulos para possíveis obras. O *Livro do desassossego* tem publicado cerca de dez edições com organizações diferentes, sendo algumas delas, nas visões de seus editores, pertencentes a dois ou três autores criados por Fernando Pessoa, incluindo fases distintas. Dos textos dramáticos, aos quais temos nos dedicado ultimamente, apenas *O Marinheiro* foi terminado e publicado em vida, no primeiro número da *Revista Orpheu*, em 1915. Partindo dessas observações, optamos pela cautela na apreciação dos textos, considerando a obra enquanto conjunto (todo), porém com elementos variáveis e, em sua maioria, inacabados.

Desse modo, apresentamos e propomos um breve olhar sobre dois textos teóricos escritos pelo heterônimo Álvaro de Campos: *A influência da engenharia nas armas nacionais*, com data de 1924 e *Apontamentos para uma estética não aristotélica*, com as datas de dezembro de 1924 e janeiro de 1925. Nosso intento primeiro é mostrar como as ideias do heterônimo pessoano aproximam (ou afastam) arte, ciência e cultura, colocando-se como antagonista à poética clássica, em especial a *Poética* de Aristóteles e buscando se afirmar enquanto nova te-

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 88-97
jul-dez, 2017

oria estética a qual corpo e sensações terão maior afirmação no processo criativo. Ressaltamos, por fim, que o nosso interesse maior é fazer emergir o pensamento pessoano não o colocando em condição de mero suporte de comparação para teorias de outros autores ou fazendo aplicações desses da teoria desses autores.

2

A influência da engenharia nas artes nacionais, apontamento com data de 1924, parece figurar como introdução “gênese” dos *Apontamentos para uma estética não-aristotélica*. Assinado pelo heterônimo Álvaro de Campos, dito poeta futurista e engenheiro naval, o primeiro texto supracitado, lacônico e inacabado, inicia-se trazendo como epígrafe uma frase de Leonardo da Vinci, que diz: “Quanto mais uma arte traz consigo a fadiga do corpo, tanto mais ela é vil”¹. Tal referência ao artista italiano, poderia tender nossos julgamentos para a aceitação da presença marcante da estética renascentista na reflexão proposta por Álvaro Campos, caso a posição do poeta da *Ode triunfal* não fosse contundentemente contrária a continuidade de tudo o que foi preservado pela tradição. Logo, a batalha do poeta contra a ação da “permanência”, da “tradição” e suas consequências, eclode quando ele expõe sua “teoria” acerca da civilização:

Há muito sustento a teoria que a civilização é a criação de estímulos em excesso constantemente progressivo sobre a nossa capacidade de reação a eles. A civilização é pois a tendência para a morte pelo desequilíbrio. A coisa mais inútil que a ficção real chamada povo pode fazer é resistir a civilizar-se por processos de civilização. Existir é não se deixar matar; ser civilizado é inventar reações para os estímulos que excedem já a reação possível. Isto é, inventar reações artificiais, quer dizer civilizadas, contra a própria civilização. (PESSOA, 2015, p.445)

A civilização para Campos representa a negação dos estímulos naturais (vitais), logo o homem civilizado torna-se incapaz da própria criação, pela imposição da carga de estímulos civilizadores que atuam de modo incisivo sobre ele. Por outro lado, torna-se inútil a resistência à civilização através do próprio processo civilizador vigente ao longo do tempo, porque efetivamente agindo assim não haveria ruptura, mas a continuidade do “mesmo” sob um mascaramento de formas diversificadas, tais como as crenças e os valores. Civilizar-se, dessa forma, tende a morte pelo desequilíbrio, visto que meios artificiais implicam

1 “Quanto più um’arte porta seco fatica di corpo, tanto più è vile.” – Consultoria e tradução em língua italiana de Sylvia Gouveia, doutoranda em Literatura pelo PósLit/UnB.

anulação das forças vitais de “integração” e “desintegração”; ou seja, a vida subsiste pelo equilíbrio entre tais forças, as quais são igualadas ao “anabolismo e o catabolismo dos fisiologistas”. (PESSOA, 2015, p.445)

Segundo o ciclo natural a força que “insiste” cria partindo da destruição, uma vez que destruição significa transformação; concomitantemente a força que subsiste permite a criação, ao mesmo tempo em que impede a destruição, logo a transformação para o outro. Contudo, na sociedade, ordem posta acima da ordem dos organismos vivos (*ordem biótica*), ocorre a inversão da “dinâmica dos fatores agentes”, assim: “a tendência para subsistir é que mata, a tendência para não subsistir é que faz viver. Isto porque a sociedade é um corpo artificial, e vive por isso segundo leis que são contrárias às leis naturais”. (*Ibidem*) Por essa artificialidade do corpo social, Álvaro de Campos expõe sua problematização partindo da questão da “subsistência”, isto é, da questão acerca de um estado de permanência, que seria *causa mortis* dos instintos do homem nas sociedades:

O que faz subsistir nas sociedades? A tradição, a continuidade, a tendência para permanecer, isto é, para não viver. E a tradição, a tendência para permanecer, tem três formas – o apego ao passado, que é tradição vulgar; o apego ao presente, que é a moda; e o apego ao futuro, que é o ideal social em que se confia. O que faz viver, isto é, não subsistir, nas sociedades? A antitradução, a tendência para não permanecer. E a tendência para não permanecer tem só uma forma – o apego ao não passado, ao não presente, e ao não futuro. Isto quer dizer o apego ao abstrato e ao ideal em que *não* se confia. Por isso a força que conserva as sociedades é a inteligência de abstração e imaginação. (PESSOA, 2015, p.445-446)

A vida para nas invenções de dispositivos “abióticos”, ou seja, nos costumes embebidos da necessidade de permanência, de conservação. Tais dispositivos têm-se manifestado, conforme vimos, sob três formas, porém girando em torno de um eixo apenas: o eixo do “apego”, volvendo-se, desse modo, alternadamente, aos períodos de tempo representados pela tradição vulgar, pela moda, e pela confiança em um ideal social porvir. Todavia, o antídoto contra a praga que põe por terra a vida opera no mesmo eixo do “apego”, girando em sentido contrário ao sentido da permanência, das crenças, do tradicionalismo, do conservadorismo. A trajetória defendida por Álvaro de Campos quer atuar apegando-se “ao abstrato e ao ideal em que *não* se confia”. Enfim, o que afirmará a vida nas sociedades é a substituição do apego ao “ido”, ao “estilo prevalente” de cada época, o “porvir” pelo “devir”.

A conservação do estado de permanência ou a tendên-

cia que “faz morrer” nas sociedades age através da “inteligência de abstração” e da “imaginação”. Estes dois agentes, por sua vez, desdobram-se nas formas “matemática” e “crítica”, donde:

A matemática abstrai de toda a experiência, exceto da essência da experiência; o único critério de verdadeira objetividade que temos é o critério de matematização. A crítica abstrai de toda a experiência exceto de ela ser nossa; o único critério verdadeiro de subjetividade que temos é o da confrontação, não das nossas impressões com as cousas, mas das cousas com nossas impressões. (PESSOA, 2015, p.445.)

Temos aí a confrontação de duas formas de percepção e juízo que reforçam o ciclo da permanência do “mesmo”: o juízo que parte do universal (abstrato) para a singularidade se atendo ao critério de objetividade pela matematização, que aqui entendemos como meio de ordenação das coisas; e a crítica que parte da experiência singular, obedecendo a um critério que relaciona o conteúdo das nossas percepções (impressões) vinculando-o às coisas que percebemos pelas sensações. Parece-nos estar criado, por essa via, mais uma delimitação que nos prende a tendência de “ordem” e “permanência” dos processos civilizatórios mencionados anteriormente. Acerca da definição de “crítica”², Campos ressalta que:

Deve-se compreender que entendo por crítica *toda* a atividade crítica: a crítica, no sentido em que emprego a palavra, inclui toda forma de atividade que ou não aceita, ou quer substituir a objetividade da experiência. Assim a arte é uma forma de crítica, porque fazer arte é confessar que a vida ou não presta, ou não chega. Assim, por assim dizer a parte dogmática da religião (não a sua parte social nem a sua parte metafísica) é uma forma de crítica, porque crer numa coisa sem ser com uma razão, embora aparente (como acontece na metafísica que procura explicar), não sendo essa coisa um elemento da experiência (objetiva), é querer substituir essa experiência... (PESSOA, 2015, p.446.)

Diante do exposto, podemos inferir que o conjunto das ideias e práticas civilizatórias arraigadas na tradição da permanência, do “mesmo” agem de modo constante a minar as forças vitais. Ora, com civilização não há vida, mas morte pelo desequilíbrio de tais forças, conforme vimos. Assim, tanto as formas de “inteligência de abstração” quanto de “imaginação”, sendo esta desdobrada em “matemática” e “crítica”, atuam como instrumentos de evasão da objetividade da experiência, seja arte,

2 Em manuscrito o texto é complementado no final: “A crítica é, em suma, todo o artifício que é feito com inteligência, e sem fim social nenhum. Desde que sirva um ideal em vez de uma impressão [?], a crítica é falsa como crítica, não é crítica, em suma, mas só opinião”. Cf. PESSOA, 2015, p.678-688.

seja religião. Nesse caso, a arte é que nos interessa, e essa mesma arte como forma de crítica desponta-se com duas faces: por um lado “a vida não presta”, logo faço arte para “suportar a vida”, aliviar o “Fado”, em um exercício redentorista através da obra, por outro, admite-se a brevidade e o pouco que a vida seja, e passa-se a afirmar e utilizar das forças que se dispõe para afirmação objetiva e plena da existência. Vale, assim, lembrar de uma passagem de uma ode de Álvaro de Campos: “Talvez porque a alma é grande e a vida pequena/E todos os gestos não saem do nosso corpo/E só alcançamos onde o nosso braço chega/E só vemos até onde chega o nosso olhar ...” (PESSOA, 2015, p.58)

Os textos em tela podem ser entendidos como um esboço daquilo que Álvaro de Campos denominou “estética não-aristotélica”. Nosso próximo intento é o de mostrar de forma concisa essa “doutrina”, que Campos afirma ter visto aplicada em apenas três poetas: “nos assombrosos poemas de Walt Whitman”, “nos poemas mais que assombrosos” do mestre Caeiro e nas duas odes, a *Ode triunfal* e a *Ode marítima*, de sua própria autoria. (PESSOA, 2015, p.436-444)

3

Divididos em duas seções, os *Apontamentos para uma estética não-aristotélica* partem, no primeiro momento, do seguinte pressuposto: há as geometrias não-euclidianas, ou seja, que se baseiam em postulados diferentes dos formulados por Euclides de Alexandria, e chegam a resultados também diferentes. Cada uma das geometrias possui desenvolvimentos lógicos peculiares, sendo “sistemas interpretativos independentes, independentemente aplicáveis à realidade”. Do mesmo modo que se formaram as geometrias que não seguiam os postulados euclidianos, seria útil a formação de uma estética que não fosse pautada nos princípios aristotélicos. Logo, Álvaro de Campos esclarece:

Chamo de estética aristotélica à que pretende que o fim da arte é (*sic*) a beleza, ou, dizendo melhor, a produção nos outros da mesma impressão que a que nasce da contemplação ou sensação das coisas belas. Para arte clássica – e as suas derivadas, a romântica, a decadente, e outras assim - a beleza é o fim; divergem apenas os caminhos para esse fim, exatamente como em matemática se podem fazer diversas demonstrações do mesmo teorema. A arte clássica deu-nos obras grandes e sublimes, o que não quer dizer que a teoria de construção dessas obras seja certa, ou que seja a única teoria “certa”. É frequente, aliás, tanto na vida teórica como na prática, chegar-se a um resultado certo por processos incertos ou mesmo errados. Creio poder formular uma

estética não na ideia de beleza, mas na de *força* – tomando, é claro, a palavra força no seu sentido abstrato e científico; porque se fosse no vulgar, tratar-se-ia, de certa maneira, apenas de uma forma disfarçada de beleza. Esta nova estética, ao mesmo tempo que admite como boas grande número de obras clássicas – admitindo-as porém por uma razão diferente da dos aristotélicos, que foi naturalmente também a dos seus autores, - estabelece uma possibilidade de se construírem novas espécies de obras de arte que quem sustente a teoria aristotélica não poderia prever ou aceitar. (PESSOA, 2015, p.436-437.)

A arte, na estética não-aristotélica de Álvaro de Campos, origina-se do mesmo princípio vital de toda atividade humana gerada pela “força ou energia”. Então, sendo a arte “um produto de entes vivos”, conforme ele disse, isto é, “um produto da vida”, as forças que se manifestam na obra são as mesmas formas as quais se manifestam na vida. Por essa via, a produção artística tende a acontecer a partir das forças de “integração” e “desintegração”, semelhantes ao “anabolismo” e “catabolismo” orgânicos. No entanto, “sem a coexistência e equilíbrio destas duas forças não há vida, pois a pura integração é a ausência da vida e a pura desintegração é a morte”. (PESSOA, 2015, p.437) Ademais, “a vida é uma ação acompanhada automática e intrinsecamente da reação correspondente. E é no automatismo da reação que reside o fenômeno específico da vida”. O “valor da vida” ou a “vitalidade do organismo” está condicionado à “intensidade”, igual e paralela de ação e reação, a fim de que se mantenha o equilíbrio, e que se evite uma proporcionalidade inversa na ação e reação das forças. Nesse sentido, Álvaro de Campos conclui: “Assim o equilíbrio vital é, não um fato direto – como querem para a arte (não esqueçamos o fim destes apontamentos) os aristotélicos – mas o resultado abstrato do encontro de dois fatos”.

Na concepção de Campos, “a arte é feita por se sentir e para se sentir – sem o que seria ciência ou propaganda”, logo “a sensibilidade é a vida da arte”. No interior da sensibilidade deve haver ação e reação atuando sobre a estrutura equilibrada de “integração” e “desintegração”, com a finalidade de fazer existir a arte. Álvaro de Campos crê que sua teoria “é mais lógica – se é que há lógica” do que a aristotélica, pelo fato de que na sua teoria “a arte fica o contrário da ciência – entendemos aqui ciência por técnica – o que na aristotélica não acontece”. (Ibidem, p. 242.) Segundo Georg Rudolf Lind, a diferença feita por Campos entre a teoria aristotélica e a não-aristotélica, implicam: a primeira, a qual, conforme afirmou o poeta, tem por finalidade “agradar”, estabelece-se em: “1) beleza, 2) inteligência e 3) unidade”; a segunda, enunciada por Campos, reivindica: “1) força, 2) sensibilidade e 3) unidade”. (LIND, 1981, p. 226) Das “analogias abstrusas”, observa Lind, o poeta e engenheiro

ISSN 2359-5140 (Online)

Iipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 88-97
jul-dez, 2017

dá um salto abruptamente nas considerações, a fim de concluir que “a estética aristotélica tende do individual para o geral (...), a não-aristotélica, em contrapartida, do geral para o particular”. (Ibidem, p. 227) Se a primeira parte dos Apontamentos é passível de muitas ressalvas, a segunda o é mais ainda. Se o projeto de uma nova teoria estética é falível, ainda escreve Lind, “as demonstrações pseudológicas da 2ª parte contêm ainda uma quantidade maior de erros”. (LIND, 1981, p. 227) Ainda, se comparado ao *Ultimatum*, seu manifesto de vanguarda, a referida seção de tais apontamentos pouco foi modificada, sendo, dessa maneira, uma repetição das mesmas ideias do manifesto.

A complexidade e as abstrações dos conceitos criados por Álvaro de Campos no intento de fundar uma teoria estética vigorosa, contrária à tradição aristotélica, fizeram com que seu projeto com ares futuristas de unir ciência e arte falhasse, conforme acreditam comentadores tais como Almeida Faria, João Gaspar Simões e o já citado, Georg Rudolf Lind. Entretanto, ponto consideravelmente forte desenvolvido pelo não-aristotelismo de Campos foi, sem dúvida, a postura incisiva no combate aos atos civilizatórios, que “fazem morrer” no homem sua força natural, instintiva, de reação e criação.

Nesse sentido, cremos que a teoria de Campos tenha saído vitoriosa: o escrito sob o título *A influência da engenharia nas artes nacionais* aparece, conforme dissemos no início, de modo preliminar à ideia de negação da estética de Aristóteles. A relação desse primeiro momento das ideias de Campos com os seus Apontamentos para uma estética não-aristotélica pode ser estabelecida quando consideramos que a aceitação dos termos aristotélicos correlatos, harmonia e beleza, tende a um princípio de arranjo estruturado pela permanência aniquiladora dos instintos naturais não harmônicos do homem. Ora, se desarmonia e feiúra (fealdade, na ‘terminologia’ pessoana) constituem também a natureza, realmente não há sentido em crer-se apenas na arte fundada na estreita relação da harmonia das partes de um todo implicando princípio de beleza. Contudo, há no pensamento de Campos um requerimento de equilíbrio entre as forças de “integração” e “desintegração”, que poderia ser entendido tal como um princípio de harmonia, do mesmo modo que em Aristóteles, se o plano teórico do poeta da *Ode triunfal* não fosse baseado na ideia de “força”.

ISSN 2359-5140 (Online)

Iipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 88-97
jul-dez, 2017

4

Diante da possibilidade de a sensibilidade imperar no processo de fazer artístico, abrimos caminhos para pensar na substância física ou na estrutura do ser humano: o corpo. Quando Fernando Pessoa esboça a possibilidade de uma estética não-aristotélica, mesmo não concluída, mesmo não sendo para

alguns aplicável à própria obra ou a qualquer obra que seja, herdamos uma fenda larga como passagem pelo muro das representações cristalizadas. É muito evidente que o seu linguajar se aproprie da biologia e da matemática, num diálogo estabelecido entre arte e ciência, estética e epistemologia, estética e ética. Porém, evidente também é que o mesmo não desloca os instintos do gênero humano para fora da sociedade. Ao contrário, observa que esse meio artificial atenta de modo frequente às forças vitais, tendendo à perenidade e que cabe ao ser humano criador de arte, o artista, através da sensibilidade, das sensações recebidas pelo seu corpo se desvencilhar das amarras da tradição que faz morrer. Morrer no sentido de anular-se, não no de transformar-se dando lugar a outra coisa, à outra “vida”. Um poeta absorve impressões de toda ordem das vivências, faz com que as mesmas “morram” nele, transformando-as para dar à luz ao poema, que por sua vez provocará sensações no leitor, “E os que leem o que escreve/Na dor lida sentem bem,/Não as duas que ele teve,/Mas só a que eles não têm.” (PESSOA, 2001, p.164-165)

José Gil em, *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*, mesmo não abordando as reflexões sobre a estética não-aristotélica, aproximou os escritos de Campos ao conceito de “corpo sem órgãos” de Deleuze e Guattari o relacionando ao “plano de consciência” criado pelo poeta. (GIL, 1998, p.66-75) Em suma, a análise de Gil se estabelece na poesia de Álvaro de Campos, colocando o heterônimo pessoano enquanto “analisador de sensações” no espaço abstrato revelado nos poemas. Então, considerando as observações do crítico português seria possível uma relação entre o não-aristotelismo pensado pelo heterônimo sensacionista e o seu fazer poético? Da perspectiva sobre as sensações e do enfrentamento dos atos civilizatórios que negam a vida no plano da imanência, pelo alcance da beleza por meios não-tradicionais, a resposta é sim.

Por fim, a estética não-aristotélica figura não apenas enquanto pensamento oposto às poéticas clássicas, aristotélicas, mas também se apresenta como marco não-normativo, não-prescritivo de um modelo a ser seguido, ainda que seu autor afirme que a finalidade seja a mesma, o alcance da beleza, seguindo meios distintos, o mesmo autor desconstrói a rigidez da tradição, apontando-nos uma via de acesso à arte pelo corpo. Uma via de mão dupla na qual tanto quem faz da arte um acontecimento, independente do suporte (palavra, imagem, som, etc), quanto quem exerce a fruição, seja perpassado e afetado de alguma forma pela expressão estética.

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 88-97
jul-dez, 2017

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *Poética*. 7.ed. Tradução, prefácio, introdução, comentários e apêndices de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

GIL, José. *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*. Lisboa: Relógio D'água, 1988.

LIND, Georg Rudolf. *Estudos sobre Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1981. (Estudos Portugueses).

LOPES, Teresa Rita. *Fernando Pessoa et le drame symboliste: héritage et création*. Paris: De La Différence, 2004. (Les Essais).

PESSOA, Fernando. Apontamentos para uma estética não-aristotélica. In.____. *Obra completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2015, p.436-444.

____. ANEXO: Gênese dos “Apontamentos”. In.____. *Obra completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2015, p.445-446.

____. *Obra poética*. Organização, Introdução e Notas de Maria Aliete Galhoz. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

____. *Obra em prosa*. Organização, Introdução e Notas de Cleonice Berardineli. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 88-97
jul-dez, 2017